

O NARIZ DE GÓGOL E O RISO

Inti Anny Queiroz

Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa – Universidade de São Paulo

Resumo: O objetivo do presente artigo é analisar a função do riso no conto “O nariz” do autor ucraniano Nicolai Gógol e mostrar pontos de sua obra como um todo para melhor exemplificar nossa pesquisa. Utilizaremos como apoio de pesquisa informações sobre o autor e analisaremos trechos do conto bem como os personagens principais do texto. Buscaremos fatores teóricos principalmente de importantes textos do russo Mikhail Bakhtin que tratam do assunto riso e da cultura popular. Estudos da pesquisadora brasileira especialista no assunto, Arlete Cavaliere, servirão como contraponto teórico para enriquecer nosso artigo.

Palavras-chave: Nicolai Gógol – O nariz. O nariz – Riso e cultura popular. Riso e literatura.

Abstract: The aim of this article is to analyze the function of laughter in the short story "The Nose" of Ukrainian author Nikolai Gogol and show points of his work as a whole to better illustrate our research. We will use to support our research some information about the author and analyze excerpts of the story and the main characters of text. We seek primarily theoretical factors of two important texts of the Russian Mikhail Bakhtin dealing with the subject of laughter and popular culture. Studies of the Brazilian researcher expert on the subject, Arlete Cavaliere, will serve as a counterpoint to get better facts in our theoretical article.

Keywords: Nicolai Gógol – O nariz. O nariz – Laughter and Popular Culture. Laugh and Literature.

Introdução

Nicolai Gógol, apesar de ter vivido boa parte de sua vida na Rússia, nasceu na Ucrânia no ano de 1809. Em 1828, aos 19 anos mudou-se para São Petersburgo a fim de conseguir um emprego público na cidade dos empregos públicos. Em 1832 publica sua primeira coletânea de contos e partir disso escreveu dezenas de contos, novelas e peças de teatro que até hoje são referência na literatura mundial por seu tom cômico e a exaltação da cultura popular. De acordo com Cavaliere, Gógol foi considerado o criador da “Escola natural”.

A própria ‘Escola Natural’, da qual Gógol costuma ser indicado como grande iniciador, a partir da década de 1840, parece apontar características gogolianas apenas no sentido da descrição realista voltada para os problemas da vida do povo, da liberdade dos assuntos na literatura, enfim, no tratamento dos mais variados aspectos da realidade, anteriormente considerados vulgares e indignos da obra literária (CAVALIERE, 2010, p. 56).

A relação de Gógol com o poder público é notada em toda sua obra, porém no conto que analisamos neste artigo, Gógol cria uma paródia com sarcástico tom de ironia e que proporciona ao leitor o riso, mesmo que este riso seja do tipo amargo. Para ilustrarmos e observarmos o conto de Gógol através de conceitos teóricos, utilizaremos dois importantes textos sobre o autor, escritos pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin. Do livro *Questões de literatura e estética* (1993) utilizaremos o artigo “Rabelais e Gógol” que trata da questão do riso a partir da arte do discurso e da cultura popular cômica. No tratado *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, Bakhtin trata da questão do riso e do grotesco dentro da cultura popular de maneira ainda mais detalhada e extensa auxiliando ainda mais nossa análise.

Gógol e o riso

O conto “O nariz” apresenta ao leitor uma história de cunho absurdo e tom cômico, onde um nariz é encontrado pelo barbeiro Ivan Iákovlievitch dentro de seu pão no café da manhã. O barbeiro reconhece tal nariz como sendo de um assessor escolar Kovaliov e por sugestão de sua esposa decide se livrar do nariz antes que algo de pior aconteça. Ele joga o nariz no rio, porém a polícia vê tal ação e pede satisfações sobre o assunto. A primeira parte da história acaba com Iákovlievitch sendo abordado pela polícia para se explicar sobre o tal nariz. Gógol finaliza a primeira parte da história deixando um tom de dúvida ao leitor sobre o que realmente aconteceu com o barbeiro.

Na segunda parte do conto Kovaliov acorda pela manhã e percebe que está sem o nariz. O assessor escolar aparentemente vaidoso fica desesperado ao perceber que seu nariz sumiu e parte pela cidade para procurá-lo. Logo encontra seu nariz em forma de um cidadão comum caminhando tranquilamente pela cidade de São Petersburgo “Qual não foi o horror ao ver aquele cidadão era o seu próprio nariz!” (GÓGOL, 1990, p. 93). O assessor tenta falar com o nariz, mas este não lhe dá ouvidos e foge. O tom cômico na conversa entre o assessor e seu nariz em forma de cidadão acontece de forma natural. O diálogo entre os dois parece tão real ao ponto de uma situação fantástica aparentar normal, porém é o absurdo da situação que torna o diálogo ainda mais cômico e proporciona o riso. Com o sumiço do nariz no meio da multidão da cidade, o desespero de Kovaliov aumenta e este resolve partir para todo tipo

busca. O desaparecimento do nariz é um dos principais fatores que evidenciam a presença do grotesco no conto de Gógol. A amputação ou perda de partes do corpo, ou mesmo a deformidade foi observada por Bakhtin como um aspecto essencial do grotesco. “O aspecto essencial do grotesco é a deformidade. A estética do grotesco é em grande parte a estética do disforme” (BAKHTIN, 2008, p. 38).

Gógol deixa claro ao leitor seu viés grotesco e sua intenção de “rebaixar” a personagem com artimanhas de carnavalização a partir do riso arrancado do leitor ainda que de forma forçada. É quase impossível ao leitor não se deixar levar pelo riso ainda que a partir de um momento trágico da personagem. Gógol escreve com maestria de um cômico e com a destreza de um dramático, mas é apenas o riso que leva o leitor se entorpecer com a não sutileza de sua escrita que é dura com sua personagem e que a cada linha busca ainda mais seu rebaixamento social.

É no momento que a personagem está no ápice de seu desespero que podemos perceber da melhor forma os conceitos de rebaixamento, carnavalização e o destronamento proposto pelo teórico russo. Ainda que o conto de Gógol seja um conto do início do realismo russo, podemos aferir que este traz características que podem nos remeter às evidências tratadas por Bakhtin na obra supracitada. Não apenas quando trata do grotesco no realismo.

O riso e a visão carnavalesca do mundo, que estão na base do grotesco, destroem a seriedade unilateral e as pretensões de significação incondicional e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades. Daí que uma certa “carnavalização” da consciência precede e prepara sempre as grandes transformações mesmo em domínio científico (BAKHTIN, 2008, p. 43).

A cidade de São Petersburgo neste período do século XIX representava um centro burocrático, onde seus prédios milimetricamente planejados abrigavam centenas de órgãos públicos e ainda maior o número de cargos públicos dentro deles. Gógol era um crítico desse sistema burocrático e em diversas obras abordou o assunto, sempre mencionando personagens funcionários de repartições públicas das mais diversas posições. Na obra “O nariz” além do personagem principal dono do nariz ser um funcionário público, diversos outros personagens também traziam essa titulação.

Os contos O nariz, O capote, A avenida Nievski, O retrato, O diário de um louco nos trazem pequenos funcionários, heróis, ou melhor anti-heróis, caricaturas pertencentes à massa urbana, um tanto “despsicologizados” e que mais se assemelham a fantasmas perdidos sem destino numa cidade que nos parece estranha e absurda (CAVALIERE, 2010, p. 53).

A relação dialógica entre as obras de Gógol acontece principalmente nesta zona de contato entre a realidade e o grotesco, entre a cidade real e o que torna o leitor insuportável ao personagem, e em alguns momentos ao próprio leitor, que sente a difícil situação social da cidade.

Na sequência da segunda parte do conto, Kovaliov chega à seção de publicidade de um jornal local para anunciar a busca por seu nariz. O funcionário do jornal inicialmente não entendeu o que realmente o assessor queria anunciar. Pensou até que um tal senhor Narizov havia lhe roubado algo e era isso que este buscava. Novamente o diálogo entre os dois traz um tom cômico absurdo que faz com que o leitor não relute em gargalhar do diálogo travado. Após saber de toda a história, o homem da publicidade recusa-se a publicar o anúncio e sutilmente demonstra acreditar que Kovaliov estava delirando, já que no mundo real é impossível um nariz andar pela cidade como um cidadão comum. O rapaz sugere que ele procure um médico que possa reconstruir seu nariz, ou sugere que ele escreva um artigo sobre o assunto, mas não publicar um anúncio.

É evidente ao leitor a intenção de Gógol e não apenas rebaixar, carnavalizar a situação, mas de orientar a personagem à margem do ridículo ou mesmo de expor sua personalidade ao nível do que a sociedade poderia considerar loucura. Não é claro ao leitor, porém, qual é a impressão dos personagens que interagem com o “sem nariz” já que muitos deles seguem indiferentes ao acontecido e ao desespero da personagem como acontece com o rapaz do jornal.

Esta noção do real versus o irreal mesclado com um leve toque da sugestão de loucura dada por Gógol nos mostra outro indício observado por Bakhtin presente em muitas outras obras do autor, como o renomado conto “O diário de um louco”. Bakhtin trata da questão da loucura, dizendo que “O motivo da loucura, por exemplo, é característico de qualquer grotesco, uma vez que permite observar o mundo com um olhar diferente, não perturbado pelo ponto de vista “normal”, ou seja, pelas ideias e juízos comuns” (BAKHTIN, 2008, p. 35).

Nessa cena, que é uma das mais longas do conto, é possível percebermos a intenção de Gógol de aproximar o leitor do conto através de uma situação do cotidiano como publicar um anúncio no jornal da cidade. Tudo parece normal apesar da publicação do anúncio ser totalmente surreal. Este contraste entre o real e o surreal, o absurdo, o grotesco amplia o riso e a sensação de ridículo do personagem principal. O leitor por sua vez parece sentir que está dentro da cena. Tanto os personagens quanto o narrador favorecem essa aproximação.

A pesquisadora e especialista em Gógol, Arlete Cavaliere em seu texto “Um nariz fantasticamente grotesco” diz que no autor e, em especial, no conto “O nariz”, “tudo é simultaneamente fantástico e rigorosamente verdadeiro” (CAVALIERE, 1990, p. 109). Essa noção de fantástico é acompanhada pelo absurdo e também pelo grotesco, e pelo real. Porém Gógol, ao utilizar personagens comuns do cotidiano de uma cidade faz com que o real seja instaurado numa realidade fantástica. A naturalidade com que os personagens à volta de Kovaliov agem, falam e movimentam-se fortalecem ainda mais a noção de real que Gógol imprime mesmo num conto de fundo fantástico.

Seus personagens são extremamente reais, de hábitos normais, ainda que numa Rússia do século XIX, e numa cidade não tão russa como São Petersburgo. A noção de vida real dentro de uma realidade na verdade fantástica traz a noção de sonho ao conto. Não se sabe se de fato aquilo aconteceu e quando a noção de real parece ainda mais forte, a cena torna-se ainda mais cômica.

O grotesco é trazido em diversas cenas do conto. Encontrar um nariz num pão causa, tanto ao personagem que o encontra quanto ao leitor, um choque entre o real e o fantástico. O rosto desfigurado do assessor sem o nariz também não é normal ao leitor que percebe e sente o grotesco claramente na descrição de Gógol. O absurdo e o grotesco trazem a tona o cômico. Esse tom cômico aumenta ainda mais em cada cena onde o assessor reconhece que está sem o nariz, pois, a exposição do personagem ao ridículo possibilita que o leitor imagine uma cena ainda mais grotesca e absurda acontecendo num escritório comum de um jornal. “O lugar está completamente plano, como uma broa que acaba de ser assada. É incrivelmente plano!” (GÓGOL, 1990, p. 100) diz o rapaz do jornal ao ver o que está sobre o lenço que esconde o rosto do assessor.

No universo do grotesco, a vida parece passar por todos os estágios; desde os inferiores e primitivos até os superiores mais móveis e espiritualizados. Ao aproximar o que está distante, ao unir coisas que se excluem entre si e ao violar as noções habituais, o grotesco artístico se assemelha ao paradoxo lógico. À primeira vista o grotesco parece apenas engenhoso e divertido, mas na realidade possui outras possibilidades e paradoxos. É uma transformação, um ciclo.

A imagem grotesca caracteriza um fenômeno em estado de transformação, de metamorfose ainda incompleta, no estágio da morte e do nascimento, do crescimento e da evolução. A atitude em relação ao tempo, à evolução, é um traço construtivo (determinante) indispensável da imagem grotesca. Seu segundo traço indispensável, que decorre do primeiro, é sua ambivalência: os dois pólos da mudança – o antigo e o novo, o que morra e o que nasce, o princípio e o fim da metamorfose – são expressados (ou esboçados) em uma ou outra forma (BAKHTIN, 2008, p. 212).

O conto é narrado por um narrador presente, que conta a história como se ele estivesse presente nas cenas. Em diversos trechos do conto o narrador fala diretamente com o leitor, mostrando suas opiniões, instigando o leitor ao riso e incluindo-se de certa maneira na trama. “Bem, eu tenho certa culpa de nada ter dito até agora sobre Ivan Iákovlievitch, homem respeitável sob muitos aspectos” (GÓGOL, 1990, p. 89). A presença do narrador aproxima o leitor do texto. Ao mesmo tempo em alguns momentos essa presença do narrador incentiva o leitor ao riso, já que o próprio narrador ridiculariza a situação, fazendo alguns comentários que chegam até o humor negro.

Em alguns trechos do conto podemos perceber um certo drama tragicômico travado pelo Assessor Kovaliov que parece querer rir da própria desgraça e ao mesmo tempo que sabe que sua situação é de fato séria. Gógol demonstra esse efeito de sentido de maneira sutil, porém claramente perceptível pelo leitor em sua interpretação. Em outras obras de Gógol podemos perceber esse tom de drama aliado à comédia trágica. Outro teórico russo, o formalista Eikhenbaum, ao analisar outro conto de Gógol, “O capote”, evidencia essa característica: “O episódio melodramático é utilizado para contraste com a narração cômica. Quanto mais os trocadilhos são habilidosos, mais o procedimento que rompe o jogo cômico deve ser patético e estilizado no sentido de um sentimentalismo ingênuo” (EIKHENBAUM, 1978, p. 241).

Outro formalista que desenvolve uma extensa análise da obra de Gogol e sua relação com o riso é Vladimir Propp que, na obra *Comicidade e riso*, busca entrar profundamente na estética do riso do autor ucraniano. Para Propp “Gógol não foi apenas um mestre do humorismo, mas também um grande teórico, embora sejam raros os casos em que expõe suas teorias” (PROPP, 1992, p. 116). Propp chama atenção para o elemento estético nariz como forma de fazer rir. Ele fala sobre como Gógol utiliza o nariz em diversas obras e como este elemento institui ao ridículo diversos personagens. Porém no conto que analisamos o Nariz é tratado como um personagem elevado socialmente. “O nariz pode deixar seu lugar e ir passear pela avenida Niévski como se fosse um conselheiro de Estado. Mas não é um conselheiro de Estado . É um nariz” (PROPP, 1992, p. 53).

Ao analisarmos outras obras de Gógol percebemos que grande parte delas apresenta uma série de características que o remetem à cultura popular. “toda sua visão de mundo está atrelada a um riso que se eleva no solo da cultura cômica popular” (CAVALIERE, 1990, p. 129). O tom extremamente cômico do texto onde o leitor mesmo chocado com o lado grotesco e absurdo não consegue impedir o riso ante a tragédia do assessor é um dos pontos importantes do nosso estudo.

O passeio do personagem nariz pelas ruas de São Petersburgo, assim como a busca do mesmo por seu dono, o assessor Kovaliov, demonstram ainda mais a ligação de Gógol com a cultura popular e a cidade. Os personagens passam boa parte do conto pelas ruas da cidade o que nos remete novamente à carnavalização no conto, que como dissemos anteriormente, traz características intrínsecas ao estilo como o riso e o grotesco. A carnavalização está diretamente ligada à presença do povo nas ruas, onde todos parecem iguais, mesmo os de origem social mais elevada. É como se a cidade trouxesse uma sensação de estarmos todos nas ruas de São Petersburgo. O leitor sente e vive a sensação da rua nas palavras de Gógol. É possível sentir, ver e tornar-se parte do cenário de São Petersburgo ainda que os detalhes sobre o urbano não sejam tão visíveis ao leitor. Gógol faz a cidade de prédios retos, duros, burocráticos, falar e permite assim que ao leitor realize seu próprio acabamento de cada cena. A utilização de personagens comuns da cidade de São Petersburgo aliado ao fato de que a intenção de Gógol é levar o leitor ao riso popular, nos faz refletir sobre a relação do autor com a sociedade russa da época e a crítica social. Como se Gógol busca-se mostrar o lado popular do mundo através do riso e ao mesmo tempo aproveita-se disso para criticar a sociedade a sua

volta. Bakhtin diz que em Gógol o riso era uma “zona de contato” onde “o contraditório e o incompatível se congregam para renascerem com ligação. [...] Todas as coisas tornam-se novamente tangíveis [...]. Tudo torna-se verdadeiro” (BAKHTIN, 1993, p. 437). Esse tom de verdade encontrado no conto estudado e em outras obras de Gógol, além de aproximar o autor, mostra sua veia realista e sua crítica social às vezes velada pelo tom cômico. Em diversos momentos o riso, tanto do leitor, quanto dos personagens, quanto do narrador parece um tanto amargurado, aflito. A situação grotesca, ridícula e desesperadora de Kovaliov não permite um riso leve, um riso festivo.

O riso é de origem popular, pois os homens altos, isto é, os que detêm altos postos do governo, por exemplo, não devem rir. De acordo com Bakhtin, “aquilo que faz rir é baixo, diz o mundo; só aquilo que se pronuncia com voz severa e tensa, só a isto é dado o título de elevado” (1993, p. 491). A orientação para baixo no sistema social é muito utilizada por Gógol em diversas de suas obras e é percebida por Bakhtin que classifica esta ação com o conceito de “destronamento”, o rebaixamento social de um personagem.

A orientação para baixo é própria de todas as formas da alegria popular e do realismo grotesco. [...] O destronamento carnavalesco acompanhado de golpes e de injúrias é também um rebaixamento e um sepultamento. [...] Todos os atributos reais estão subvertidos, intervertidos, o alto no lugar do baixo: o bufão é o rei do “mundo às avessas” (BAKHTIN, 2008, p. 325).

Essa exaltação do riso em contraposição ao tom sério de uma cidade burocrática como São Petersburgo traz um tom de crítica com tom de ridículo a todos os personagens de Gógol e ainda mais em Kovaliov. Gógol em todo momento buscava acentuar essa crítica à cidade e aos personagens que dela abordava. Seu lema era “Vida longa a Moscou! Abaixo São Petersburgo!”.

Gógol inaugura a representação literária da imagem ambígua e demoníaca da capital do império. O confronto absoluto entre o homem comum e autoridade central, retratado de forma alegórica em vários de seus textos, recria o mito de São Petersburgo, vista agora como cidade irreal, quase surreal, uma terra de mortos-vivos, onde a burocracia engole as pessoas, transformando-as em marionetes grotescas do destino insondável. [...] Aparece em sua obra uma quase rejeição à cidade. [...] a obra gogoliana ressalta, por meio de uma profunda ironia, as incongruências de uma política de atrasos imposta pelo Czar Nicolau I em meio a formas e símbolos ocidentais de modernização. Daí o estranho e o inusitado, por vezes o terrível, ainda que cômico, que brotam de suas histórias peterburgueses que nada mais são do que retratos especulares e alegóricos (CAVALIERE, 2010, p. 55).

O assessor em diversos momentos do conto mostra-se preocupado com sua reputação social e como o fato de estar sem nariz poderia atrapalhar em sua vida social na cidade, seja no contato com as mulheres, seja no contato com os homens importantes da cidade. Ele tem noção da situação ridícula em que se encontra e sabe que para um homem que busca a ascensão social essa situação seria ainda mais desastrosa. Por este motivo podemos dizer que o riso neste conto atua também como um elemento de carnavalização, onde o personagem principal é destronado a partir do riso dos outros, bem como do riso do leitor. De acordo com Bakhtin a carnavalização acontece a partir dos elementos do grotesco que fazem rir, que ‘carnavalizam’ os personagens, pela situação grotesca e de exposição ao ridículo, tornando o personagem até então de um alto escalão um ninguém, destronando-o ou alguém a quem se pode rir de sua situação ridícula. A carnavalização de Gógol ainda que não nos remeta ao carnaval em si, proporciona a sensação carnalizadora dos festejos de carnaval, onde mascaradas são comuns e onde acontece a “[...] abolição provisória das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana [...]” (BAKHTIN, 2008, p. 14).

Na terceira parte, já no trecho final do conto, misteriosamente o nariz reaparece no rosto do assessor Kovaliov. Ele se surpreende com o restabelecimento da sua vida e volta para seu cotidiano e questiona como aquilo poderia ter de fato acontecido. O narrador finaliza o texto, argumentando sobre a possibilidade ou não daquela história ter acontecido.

Nos parágrafos finais do conto, já nas conclusões finais, Gógol parece querer aproximar ainda mais o leitor, numa conversa direta entre o narrador e o leitor a fim de ambos concordarem (ou não) na verdade da história narrada. A certificação da veracidade dos fatos é questionada em tom irônico, ainda que ambos saibam que aquilo de fato jamais aconteceu. Essa confiança pedida pelo narrador traz um tom de paródia ainda mais intenso à história, relaxando a tensão que o conto trouxe em todo o desespero trazido pelo personagem Kovaliov e o riso aflito do leitor. É como se no fundo o que Gógol queria mesmo era fazer o leitor gargalhar tranquilo daquele absurdo, sem questionar questões sociais ou a realidade cruel da Rússia no século XIX. No final das contas, ainda ficamos sem saber ao certo o que aconteceu com o barbeiro. Mas como em diversos contos russos, um final de fato acabado é uma tarefa deixada para o leitor.

Considerações finais

O riso no conto de Gógol surge da situação grotesca, porém surge ainda mais da noção de real impressa por seus personagens que agem de forma natural em seus espaços urbanos e seu cotidiano social. A zona de contato do riso observada por Bakhtin em Gógol imprime além de uma ligação entre o autor e o leitor, também, e principalmente uma ligação entre o real e o absurdo que traz o riso ao leitor e torna cada cena do conto de cunho hilariante. Gógol busca e consegue o riso no leitor para trazê-lo ao povo, aproximá-lo da cultura popular, afinal apenas aos “baixos”, aos “homens pequenos” é permitido o riso. Gógol não apenas destrona o protagonista do conto ao ridicularizar sua situação ‘sem nariz’ mas também carnavaliza uma situação grotesca, desesperadora e trágica do personagem.

Apesar do tom cômico trazido por Gógol ao causar gargalhadas em seu leitor, é preciso observar que a situação desesperadora do protagonista e sua forma grotesca, sem nariz, podem incomodar inclusive o leitor mais avisado. Esse estranhamento é característico do grotesco e Gógol de aproveita disso para ampliar a potencialidade o texto e o choque social causado por esse estranhamento. O riso de Gógol é ao mesmo tempo amargurado e sério. Não apenas na obra analisada neste ensaio, grande parte dos contos da sua fase petersburguense traz este estranhamento ao leitor por causa do grotesco levado além do que o período romântico do século XIX poderia suportar.

Numa realidade absurda, extremamente cômica e leviana, parece que só o riso é sério. Aliado ao cenário da grande cidade russa, o riso de Gógol traz um tom de crítica, principalmente à São Petersburgo em sua eterna busca pela perfeição, sua gestão voltada a burocracia e aos infinitos cargos públicos. No conto analisado fica clara a rejeição do autor á cidade a partir da crítica a seus personagens com características fúteis e alienadas.

Ainda que o tom amargo do riso possa ser sentido pelo leitor, a gargalhada proporcionada pelas situações criativas e hilariantes torna a leitura lúdica e prazerosa. A crítica a São Petersburgo é irônica e aparece de forma imperceptível ao leitor que apenas busca o prazer cômico. A comicidade em Gógol é fornecida em doses cavalares e a intenção do autor é também de fazer rir.

Gógol ao usar o grotesco e o absurdo às vezes chega às fronteiras do surreal e do fantástico, porém, sua intenção do fazer rir é superior à tentativa de chocar o leitor com imagens estranhas e grotescas, distintas da maioria dos romances da época, e à crítica social intrínseca a sua obra. Mesmo que o leitor pudesse de fato tirar daquela gargalhada uma reflexão sobre a Rússia amarga e difícil daquele século XIX, o que fica da leitura do conto “O nariz”, são as inúmeras gargalhadas que este proporciona.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. Rabelais e Gógol. In: _____. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Unesp, 1993. p. 429-493.

CAVALIERE, Arlete. *A magia das máscaras*. São Paulo: Edusp, 1990. p. 106-134.

CAVALIERE, Arlete. Gógol: Um espelho deformante. *Caderno Entrelivros*, São Paulo, p. 53-57, 2010.

CAVALIERE, Arlete. *Teatro russo: percurso para um estudo da paródia e do grotesco*. São Paulo: Humanitas, 2009.

EIKHENBAUM, B. Como é feito do Capote de Gogol. In: _____ el al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1978.

GÓGOL, Nicolai V. O nariz. In: _____. *O capote e outras novelas*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

GÓGOL, Nicolai V. O capote. In: _____. *O capote e outras novelas*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

Recebido em 29/03/2013
Aprovado em 20/08/2013